

Luís Mauro Sá Martino  
Angela Cristina Salgueiro Marques  
Organizadores

# TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

## processos, desafios e limites

2015  
São Paulo  PLÉIADE



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0 Internacional. Você pode copiar, distribuir, transmitir ou remixar este livro, ou parte dele, desde que cite a fonte e distribua seu remix sob esta mesma licença.

Ricardo Baptista Madeira  
*Editor Responsável*

Renata Rodrigues  
*Capista e Diagramadora*

Beatriz Santoro  
Dimas A. Künsch  
Larissa Rosa  
*Edição e revisão de texto*

## Dados Catalográficos

---

T314 Teorias da comunicação: processos, desafios e limites / Luís Mauro Sá Martino, Angela Cristina Salgueiro Marques (Organizadores). – São Paulo: Plêiade, 2015.  
335 p.

ISBN: 978-85-7651-276-9

1. Comunicação I. Martino, Luís Mauro Sá II. Marques, Angela Cristina Salgueiro

CDU 316.77

---

Bibliotecária responsável: Elenice Yamaguishi Madeira – CRB 8/5033

### **Editora Plêiade**

Rua Apacê, 45 - Jabaquara - CEP: 04347-110 - São Paulo/SP  
info@editorapleiade.com.br - www.editorapleiade.com.br

Fones: (11) 2579-9863 – 2579-9865 – 5011-9869

Impresso no Brasil

# N

## otas amazônicas sobre o estudo de Teorias da Comunicação

Maria Ataíde Malcher<sup>1</sup>

Suzana Cunha Lopes<sup>2</sup>

Fernanda Chocron Miranda<sup>3</sup>

### Breve introdução ao cenário comunicacional amazônico

Um dos grandes desafios da pesquisa em Comunicação na Amazônia brasileira é conhecer a realidade na qual são tecidos os processos comunicacionais. Em uma região de dimensões continentais e pouco conectada do ponto de vista da infraestrutura físico-geográfica, a primeira grande dificuldade é o conhecimento das diversas realidades estaduais e o estabelecimento de redes. Nesse sentido, nossos esforços nos últimos oito anos estiveram orientados para levantar o máximo de informações possíveis sobre a institucionalização da área de Comunicação nessa parte do Brasil.

Além do levantamento de dados secundários, pudemos conhecer um pouco das instituições de ensino e pes-

---

1 Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

3 Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

quisa do Norte, os cursos, professores e alunos por meio da realização e participação em eventos científicos, o que nos possibilitou iniciar uma sistematização da constituição da área de Comunicação na Amazônia. Assim, ao longo desses anos, desenvolvemos pesquisas e publicamos trabalhos em congressos e em periódicos que visibilizaram realidades comunicacionais de uma região brasileira pouco conhecida para seus próprios pesquisadores.

Nessa interação com professores e alunos da região e vivenciando o cotidiano de sala de aula, um dos desafios que se mostraram mais evidentes foi o estudo de Teorias da Comunicação, sobretudo na região amazônica, onde a história institucional da Comunicação é ainda mais jovem que a do país.

Para além das abordagens que focam na apresentação de escolas e que discutem questões epistemológicas, ainda é urgente uma abordagem com profundidade conceitual que proporcione reflexões de ordem epistemológica sem, contudo, estar alheia aos diferentes apelos da força do empírico amazônico.

Assim, a proposta deste texto é compartilhar algumas experiências que temos vivenciado no ensino de Teorias da Comunicação nos cursos de graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (Facom-UFPA) e, mais recentemente, também no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPA) da mesma instituição. As experiências apontam para a necessidade de constante atualização de literatura, incentivo a metapesquisas e busca por inovações que gerem condições para a construção de conhecimentos capazes de transformar nossas realidades.



## As Teorias da Comunicação na graduação

O curso de Comunicação Social da UFPA foi criado em 1976, com duas habilitações: jornalismo e publicidade e propaganda. Durante mais de duas décadas, o currículo básico do curso seguiu um direcionamento voltado para a tecnicidade da produção em Comunicação e, em paralelo, uma formação teórica generalista, baseada em bibliografias das ciências sociais e filosofia. A partir da reformulação curricular ocorrida em 2002 se percebe uma proposta de formação em Comunicação tanto com enfoque prático quanto teórico.

A partir de então, as disciplinas teóricas passaram a ser ministradas ao longo de todo o curso de forma conjugada com os laboratórios. Especificamente as disciplinas com conteúdo de Teorias da Comunicação são ministradas nos dois primeiros semestres da graduação, sendo denominadas: Comunicação, Cultura e Sociedade e Teorias da Comunicação.

No primeiro semestre de 2011, realizamos uma pesquisa sobre as propostas das disciplinas de Teorias da Comunicação nos dois cursos de Comunicação mais antigos do estado do Pará: na UFPA e na Universidade da Amazônia (Unama). Naquele momento, levantamos questões de currículo, ementa e bibliografia (Malcher; Lopes, 2011).

De maneira sucinta, o que percebemos na pesquisa foi uma configuração diferente das disciplinas no ensino público e privado. Enquanto a ementa da UFPA previa uma discussão da emergência da comunicação massiva no contexto da modernidade antes de adentrar nas diversas correntes e teorias da comunicação, a ementa da Unama focava em uma apresentação detalhada das principais correntes, como o funcio-

nalismo e a teoria matemática, a teoria crítica e os estudos latino-americanos, chegando à discussão da pós-modernidade.

No que se refere às bibliografias adotadas pelos cursos, encontramos apenas uma obra em comum entre as duas universidades: *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, organizada por Antonio Hohlfeldt, Vera França e Luiz Cláudio Martino. Apesar de as obras referenciadas serem bastante diferentes, é comum entre as universidades o enfoque sobre referências europeias e norte-americanas, em detrimento de obras e autores latino-americanos.

Além disso, observamos ainda que as ementas das disciplinas eram abrangentes e permitiam ao professor diferentes abordagens. Por um lado, isso possibilitava flexibilidade para tratar as Teorias da Comunicação de uma forma ampla, por outro, também abria brechas para que os professores concentrassem suas aulas em aspectos específicos, que geralmente eram as vertentes funcionalistas e frankfurtianas. Em paralelo a essa formatação, ainda se trabalha com turmas que tem cada vez mais dificuldades de leitura e compreensão, ainda mais quando o conteúdo não é devidamente relacionado à prática comunicacional e à vida social de uma forma geral.

É fato que essa não é uma realidade exclusivamente amazônica, mas é perceptível o quanto as discussões mais atualizadas sobre Teorias da Comunicação ainda estão distantes das salas de aula de graduação no Norte do Brasil. Temas como Epistemologias da Comunicação são pouco conhecidos ou sequer mencionados nas disciplinas. Nesse sentido, temos feito um trabalho intensivo junto às disciplinas iniciais de Teorias da Comunicação a fim de atualizar o conteúdo ministrado e torná-lo mais próximo do cotidiano dos alunos.

Uma das primeiras barreiras a serem vencidas é a compreensão equivocada do currículo sobre o ensino de teorias e práticas na área da Comunicação. Geralmente, por serem disciplinas teóricas, os alunos esperam uma metodologia de ensino baseada em leituras e discussões de textos. E, de fato, essa é uma das abordagens mais utilizadas pelos professores. Para além dela, entretanto, buscamos trabalhar em uma perspectiva de desmistificar o ensino de teorias e desenvolver com os alunos atividades práticas para que percebam que a teoria é viva.

Assim, uma das metodologias que mais utilizamos em turmas de graduação é a elaboração e a apresentação de Painéis. Essas atividades consistem em desafiar os alunos a desenvolverem algum produto comunicacional baseado no estudo de algum autor, conceito ou teoria estudada na sala de aula. Para isso, a turma é dividida em grupos, estes formados por sorteio. Após o grupo estruturado, é designado um tema para o trabalho. O objetivo é que os alunos apresentem de que forma eles conseguem perceber as leituras em diálogo com os mais diferentes aspectos do fazer profissional e da vida em sociedade.

Na experiência de várias disciplinas em que usamos essa metodologia, percebemos, por um lado, que é bastante complicado para os alunos associarem os textos discutidos com a realidade que vivenciam e com exemplos práticos de seu dia-a-dia. Por outro lado, quando essa barreira inicial é quebrada, eles conseguem propor associações muito criativas. Nas turmas que já experimentaram essa atividade, os alunos apresentaram encenações, vídeos, áudios, apresentações orais, entre outras expressões comunicacionais.

Outra metodologia adotada é a sala de aula estendida, que é a forma como denominamos as atividades previs-

tas para além do momento e do espaço da sala de aula. A proposta é aliar a programação da disciplina a diferentes programações culturais da cidade, também de maneira a motivar os alunos a fazerem associações das teorias com o cotidiano. Já incluímos no cronograma das disciplinas visitações a exposições, entrevistas, aulas em outros tipos de ambientes e festas. Todas essas experiências são trazidas para discussão junto com os textos sugeridos para leitura.

Tanto os painéis quanto as dinâmicas de sala de aula estendida tornaram-se estratégias para quebrar a rotina dos alunos, tirá-los de uma posição de conforto e mostrar que eles são protagonistas no processo de ensino-aprendizado, portanto, precisam se esforçar, buscar o que não está posto, criar soluções criativas para resolver um problema, mesmo que o problema se resuma, em um primeiro momento, a apresentar um trabalho. Para que isso ocorra, porém, é necessário que o aluno receba o cronograma da disciplina no início das aulas de modo que ele possa se programar para seguir o calendário de atividades que vão muito além da rotina na sala de aula.

A maioria das atividades que realizamos é proposta para desenvolvimento em equipe. De maneira a integrar a turma e ensiná-los a trabalhar com todos os perfis de pessoas, compomos as equipes por sorteio, o que geralmente promove agrupamentos bastante diferentes do que os integrantes de uma turma costumam adotar. Além disso, como forma de responsabilizar todos os integrantes pela feitura integral da tarefa, os apresentadores dos painéis também são sorteados, portanto, todos da equipe devem estar igualmente preparados para defender o trabalho.

Na busca por quebrar rotinas, também desenvolvemos provas surpresas e em formatos não convencionais, o que exige do aluno o estudo permanente e qualificado do conteúdo da disciplina, pois a qualquer momento e de diferentes formas, ele será arguido sobre seu aprendizado.

Ao longo dos anos, o que temos estimulado é que os alunos nos surpreendam, do contrário serão surpreendidos pelo professor. Essa postura provoca diferentes sentimentos entre eles. Há os que ignoram a validade dessas atividades; há os que possuem muitas dificuldades para compreender as teorias e se esforçam bastante para desenvolver as atividades, apesar de nem sempre terem o melhor desempenho; e há ainda os que ampliam suas competências e habilidades para criar novas formas de pensar e agir na área de Comunicação.

É importante, contudo, destacar que cada turma exige uma abordagem específica, pois possui perfis variados de alunos, com trajetórias, competências, habilidades e fragilidades diferentes. Por isso, a cada disciplina, montamos um programa que é discutido e finalizado junto com a turma e que pode sofrer alterações ao longo do semestre de acordo com o desenvolvimento vivenciado pelos alunos.

Apesar de ainda não termos uma avaliação efetiva sobre a repercussão dessas estratégias de ensino-aprendizagem na formação de comunicadores e jovens pesquisadores, temos algumas sinalizações de que as metodologias adotadas fizeram a diferença na trajetória de alguns alunos.

Podemos citar o caso do investimento que temos feito de convidar alunos que já se encontram próximos da formatura para participar das disciplinas como monitores. Esta tem sido uma experiência importante, sobretudo, para aqueles estudantes que possuem afinidade com a vida

acadêmica e pretendem dar continuidade aos estudos em uma pós-graduação com vistas a se tornar docente do Ensino Superior. Acreditamos que essa formação de fato tem gerado frutos, com experiências de pesquisadores que hoje são mestres, coordenadores de cursos de faculdades privadas ou já ingressaram no doutorado.

### As Teorias da Comunicação na pós-graduação

O ensino de Teorias da Comunicação na pós-graduação também passou a ser nosso foco de atuação a partir da criação do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) na UFPA, em março de 2010, com o curso de Mestrado em Ciências da Comunicação. Inédito no estado e o segundo programa de toda a Região Norte, o PPGCOM significou um marco para história da área nesta parte do país.

Apesar da grande demanda por formação pós-graduada em Comunicação, os primeiros anos do processo seletivo tem revelado um perfil de alunos ainda com sérias deficiências tanto no repertório trazido da graduação, das experiências profissionais e docentes, quanto na compreensão do que é um curso de mestrado e qual o seu funcionamento. Nesse sentido, o trabalho com as turmas tem exigido uma abordagem de formação para além da discussão de conteúdos, mas sobretudo, para o estabelecimento de uma cultura científica.

No caso do PPGCOM, a disciplina de Teorias da Comunicação é obrigatória e ofertada logo no primeiro semestre do curso de Mestrado. Geralmente recebemos alunos com trajetórias bem diferenciadas: alguns acabaram de sair da graduação; outros já estão formados há déca-

das; outros já são docentes em faculdades particulares, mas nunca fizeram uma pós-graduação *stricto sensu*; entre outros casos. Por conta disso, nossa primeira iniciativa é compreender quais os conhecimentos e as fragilidades teóricas que os alunos apresentam.

Para esse diagnóstico, trabalhamos com discussão de textos que consideramos introdutórios para os debates mais recentes de Teorias da Comunicação, assim como aplicamos um formulário de diagnóstico da turma, em que registramos questões gerais sobre o conhecimento de teorias. Percebemos que os alunos iniciam com um conhecimento teórico bastante frágil, sobretudo, aqueles que estão distantes da Universidade há mais tempo.

Como herança de uma formação deficiente na graduação, muitos chegam ao Mestrado quase que exclusivamente sabendo citar as teorias funcionalistas e frankfurtianas e a palavra epistemologia é uma desconhecida. Há variações desse diagnóstico, mas observamos o quanto é necessário um investimento forte na graduação e pós-graduação no Norte para fortalecer as bases dessa formação.

Somente após esses primeiros contatos com a turma, estabelecemos um programa para a disciplina, buscando dar conta de conteúdos frágeis e aprofundar as discussões teóricas aliadas aos anteprojetos de pesquisa que os alunos irão desenvolver. Mas, diferente do conteúdo que ministramos na graduação, o enfoque no Mestrado encontra-se na reflexão epistemológica da área, tendo em vista o tipo de formação científica necessária para um aluno de pós-graduação.

Em cada turma, desenvolvemos uma metodologia diferente, com objetivos específicos e com resultados e sistemas de avaliação bastante distintos. Em alguns grupos,

houve necessidade de uma introdução às principais correntes teóricas da Comunicação e, em outros, foram trazidos autores mais contemporâneos. A finalização do programa se dá junto com a turma, a partir também do que os próprios alunos apontam como necessidades e interesses.

Considerando as experiências já desenvolvidas no ensino de Teorias da Comunicação na pós-graduação da UFPA, destacamos uma estratégia que adotamos em praticamente todas as turmas desde a criação do PPG. A ação foi realizar o mapeamento das publicações mais recentes dos pesquisadores que discutem Teorias e Epistemologias da Comunicação. Para isso, buscamos artigos de periódicos qualificados, textos dos Encontros Anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), seminários ministrados por autores contemporâneos, entre outras referências a fim de construir um panorama atualizado das discussões teóricas na área.

Nesse sentido, é significativa a contribuição de alguns autores brasileiros para introduzir e atualizar a discussão das teorias no âmbito da formação de pós-graduandos no Norte do Brasil. Podemos citar alguns textos de Braga (2010; 2011a; 2011b), França (2001a; 2001b), Luiz C. Martino (2001; 2003; 2007; 2011), Marcondes Filho (2007), entre outros, a partir dos quais chegamos a novas redes de leituras nacionais e internacionais. A didática desses pesquisadores e sua permanente busca por atualização de suas próprias reflexões tem sido um aprendizado permanente não só para os alunos como para nós professores.

Um dos primeiros trabalhos que realizamos com alunos de pós-graduação na disciplina de Teorias da Comu-



nicação foi a elaboração de resenhas críticas, que posteriormente, foram reunidas e publicadas em um e-book de resenhas que está disponível para download no site do PPGCOM.<sup>4</sup> O texto base para as discussões em sala de aula e para a escrita das resenhas foi o livro *Teorias da comunicação de massa*, de Mauro Wolf. A proposta era que toda a turma lesse e discutisse em profundidade a obra e cada aluno escolhesse um aspecto para escrever uma resenha crítica do livro. O texto da resenha teria que explicar, em uma linguagem simples e didática, as principais ideias do autor tendo em vista que o material seria compartilhado com alunos da graduação.

Nessa atividade, houve grande dificuldade por parte dos alunos em fazer uma análise crítica do texto escolhido para leitura, articulando-o com outras leituras introdutórias da disciplina e outros autores de quem já tinham proximidade. A escrita científica foi um dos maiores desafios, apesar de ser uma turma constituída basicamente por alunos que traziam da graduação a experiência da iniciação científica. Apesar das deficiências, o resultado foi um aprendizado muito significativo para toda a turma, que foi expresso no primeiro caderno de resenhas editado e publicado pelos alunos, com o apoio com a coordenação do programa.



**Figura 1** - Capa do 1º Caderno de resenhas do PPGCOM-UFPA.

4 O arquivo completo do 1º Caderno de Resenhas do PPGCOM está disponível para download no site do Programa: <[http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno\\_Resenhas\\_PPGCOM\\_UFPA.pdf](http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno_Resenhas_PPGCOM_UFPA.pdf)>.

O mesmo exercício da escrita de resenhas críticas foi desenvolvido conjuntamente com outra atividade que denominamos Jornadas Autorais, que consistiram na leitura aprofundada de um autor, a partir de uma obra específica associada à sua biografia e bibliografia. Cada aluno selecionou o autor que identificava ser mais relevante para a construção do seu objeto de pesquisa. A ideia era apresentar esses autores em um seminário aberto para a graduação, além de publicar a segunda edição do caderno de resenhas do programa.

Mesmo sendo selecionados autores conhecidos pelos alunos, o aprofundamento da leitura e a escrita crítica e didática de uma resenha, novamente foram grandes desafios. Para discussão em sala de aula, além do autor escolhido cada aluno precisava ler a obra e debater a resenha de outro colega. Os momentos dos debates foram os mais enriquecedores e proporcionaram o aprimoramento das resenhas e um passeio pela obra de autores como Beltrão (1980), Benjamin (1980), Castells (1999), Eco (2006), Jesús Martín-Barbero (2009), Morin (2005), Santos (2007), Thompson (2009) e Wolton (2004).

Por falta de tempo para amadurecer e aprofundar a explicação das obras dos autores, as apresentações não foram abertas para os alunos de graduação, como inicialmente se pretendia. Mas as resenhas foram publicadas no final do semestre e distribuídas na Faculdade de Comunicação e foram enviadas para todos os programas de pós-graduação em Comunicação do Brasil.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O arquivo completo do 2º Caderno de Resenhas do PPGCOM está disponível para download no site do Programa: <[http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno\\_Resenhas\\_PPGCOM\\_UFPA\\_02.pdf](http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno_Resenhas_PPGCOM_UFPA_02.pdf)>.



**Figura 2** - Capa do 2º Caderno de resenhas do PPGCOM-UFPA.

Uma das atividades que renderam e aprofundaram bastante as discussões e leituras foi o que denominamos Imersões Epistemológicas. Estes são encontros, com periodicidade definida de acordo com a necessidade, nos quais a turma ficava concentrada nas apresentações e debates da disciplina durante o dia inteiro (manhã, tarde e noite). Para isso, montava-se uma estrutura de almoço e lanches na própria sala de aula, de maneira que as discussões não parassem. Como a turma estava disposta e os debates rendiam bastante, a atividade não se tornava cansativa. As Jornadas Autorais e as apresentações das resenhas, por exemplo, aconteceram nesse formato de Imersões Epistemológicas.

É interessante também citar um dos trabalhos que temos desenvolvido com todas as turmas da pós-graduação para as quais já ministramos aula de Teorias da Comunicação. Trata-se da Justificativa de Pertencimento do Objeto de pesquisa à área da Comunicação. Para esta demanda, os alunos devem fazer uma defesa escrita e argumentada da configuração do objeto de estudo que está construindo no âmbito da área de Comunicação. Esse trabalho parte da diferenciação que autores como Martino (2007) e França (2001a) fazem entre objeto empírico e objeto de estudo.

[o objeto de estudo da Comunicação] não se trata de um objeto empírico, mas construído através de uma elaboração teórica. Isto significa dizer que tal objeto somente pode aparecer a partir do arcabouço teórico ou da tradição de pensamento de uma disciplina. O fenômeno comunicacional que nos interessa não é, portanto, todo e qualquer ato relacional, mas aquele que se encontra referido a uma certa disciplina [a comunicação] (Martino, 2007, p. 28-9).

França (2001a) reforça essa ideia de que a definição do objeto da Comunicação está para além de um objeto empírico; este se delinea, sobretudo, pelo olhar, pela abordagem:

Ouso dizer que o problema com o objeto da comunicação é que sua definição vem sempre por demais apoiada ou referenciada no empírico – e “objetos de conhecimento” não equivalem às coisas do mundo, mas são antes formas de conhecê-las; são perspectivas de leitura, são construções do próprio conhecimento. São essas perspectivas que dão o recorte, indicam a especificidade. Não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos “comunicativas”. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa (França, 2001a, p. 5).

Nessa perspectiva, nosso desafio de pesquisadores da Comunicação é construir objetos de pesquisa a partir de processos comunicacionais no interior da cultura e submetê-los a reflexões e interpretações em diálogo com as teorias e conceitos da área (Martino, 2001). Ou seja, os objetos de estudo não se encontram prontos no mundo. A primeira ta-

refa de pesquisadores em formação é justamente compreender essa dinâmica e exercitar o processo de construção.

Para os alunos, porém, essa compreensão é um exercício árduo, pois a confusão entre a comunicação como objeto empírico e a comunicação como área capaz de construir objetos de estudo próprios é algo recorrente que tem a ver com a própria constituição da área. Acreditamos que por mais que não seja necessário explicitar, em uma dissertação, as justificativas que fazem de nossa pesquisa comunicacional um estudo comunicacional, a escrita dessa defesa pelos mestrandos tem os ajudado a (1) compreender questões epistemológicas da área e (2) tentar construir objetos de estudo de forma mais consciente dos seus desafios e compromissos para com a Comunicação.

Ainda nessa perspectiva, destacamos a experiência do último trabalho desenvolvido no ano de 2014, no semestre em que o PPGCOM-UFPA sediou pela primeira vez um Encontro Anual da Compós. Aproveitando a reunião dos principais pesquisadores de Teorias e Epistemologias da Comunicação para o evento, no semestre de aulas, foi proposto aos alunos o trabalho de leitura crítica dos artigos de todos os pesquisadores que tiveram texto aprovado no Grupo de Trabalho de Epistemologias da Comunicação. A ideia era que cada aluno ficasse responsável por um texto, a partir do qual deveria buscar outras publicações do autor, fazer um histórico da participação do autor no GT de Epistemologia da Compós, assim como levantar a própria trajetória do pesquisador.

A base para o trabalho foi a compreensão de Metapesquisa e de Estado da Arte como formas de estudo importantes para construção de objetos em qualquer área científica, tendo como referência os trabalhos de L. M. S. Martino

(2014), Navarro (2007), Romanowski e Ens (2006), Braga (2010) e Noronha (2008).

A atividade ganhou proporções maiores quando foi feito o contato com os coordenadores do GT e esses ce-deram os textos escritos pelos relatores de cada trabalho, assim como viabilizaram junto aos componentes do GT a concessão de entrevistas aos alunos durante a Compós, que foram filmadas e posteriormente editadas. Da mesma forma, considerando a logística montada para o evento, os alunos estiveram envolvidos na recepção dos pesquisadores diretamente no aeroporto em sua chegada em Belém.

Com o material coletado, os alunos construíram um blog no qual postaram os textos que escreveram para a disciplina com a análise dos artigos apresentados na Compós, as entrevistas em audiovisual com os pesquisadores, um glossário de termos utilizados pelos autores que apresentaram no GT, além de uma lista de referências para novas leituras.



**Figura 3** - Blog Epistemologias da Comunicação.

Apesar de não serem leituras muito fáceis e de o trabalho exigir uma pesquisa e leitura aprofundada da trajetória dos pesquisadores, o envolvimento dos alunos nas discussões, na produção das entrevistas, na elaboração dos roteiros e principalmente no contato que tiveram com esses estudiosos, sem dúvida, fez a diferença na formação de muitos da turma. É reconhecida também a generosidade dos pesquisadores do GT em dar abertura e dialogar com os alunos sobre suas produções, postura sem a qual o trabalho não teria sido tão significativo para os alunos.

Com todas essas formas de abordagem, o que pretendemos é auxiliar na qualificação da formação pós-graduada em Comunicação no Norte do Brasil, tendo como orientação: a atualização permanente de bibliografia; o desenvolvimento de trabalhos diferenciados e essencialmente experimentais; o aprofundamento das discussões teóricas e epistemológicas dos mestrandos para que construam objetos de estudo relevantes para a região e para a área de Comunicação; entre outros procedimentos.

### Desafio da apropriação e da invenção

Martín-Barbero (2004) indica a existência, em nossa área, de três modos de relação entre o fazer acadêmico e as concepções hegemônicas de comunicação. São eles a dependência, a apropriação e a invenção. O primeiro modo seria o de aplicar conhecimentos construídos a partir de realidades estrangeiras ao empírico latino americano, dando-se o pesquisador por satisfeito pelo uso de teorias “atuais”.

Já a apropriação seria uma forma de fazer ciência que dialoga com modelos pré-estabelecidos, porém de maneira a “adaptá-los” e os reler a partir da realidade local.

Isso implica não só a tarefa de *ligar*, mas também a mais arriscada e fecunda de *redesenhar* os modelos, para que *caibam* nossas diferentes realidades, com a consequente e inapelável necessidade de fazer leituras *obliquas* desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos (Martín-Barbero, 2004, p. 19).

A terceira maneira, por fim, de dialogar teoria e empiria, segundo Martín-Barbero (2004), seria a invenção, um modo de construção de conhecimento que busca “indisciplinar os saberes diante das fronteiras e dos cânones, despregando a escrita como *expressividade conceitual* e, finalmente, mobilizando a *imaginação categorial*, que é aquilo que torna pensável o que até agora não foi pensado” (Martín-Barbero, 2004, p. 19).

Vale ressaltar ainda que algo que é central na produção de conhecimento na perspectiva da invenção é o processo de tensionamento da teoria frente ao empírico selecionado para análise ou o que circunda a realidade do pesquisador durante a investigação. A teoria precisa ser verificada e interpretada a partir das nuances do empírico, indo além da aplicação teórica ou de leituras fora de lugar quando adaptamos o conhecimento para o local estudado. O desafio é na verdade pensar novas formas de conhecimento que são oriundas de uma articulação teórico-metodológico-empírica, na qual os três elementos contribuem de forma igualitária (mas não do ponto de vista quantitativo) para a criação de novos conhecimentos.

No Norte do Brasil, como espaço tipicamente latino-americano, deparamo-nos várias vezes com o primeiro modo de produção de conhecimento que Martín-Barbe-



ro (2004) aponta. Essa dependência acontece não só em relação à literatura estrangeira como também em relação aos referenciais das demais regiões brasileiras, sobretudo o Sudeste. Ainda que invistamos esforços a fim de valorizar a produção brasileira na área de Comunicação, essa não pode somente ser assimilada ou aplicada às realidades amazônicas, visto que tais cenários ainda são desconhecidos e desconsiderados por muitos pesquisadores.

Como um empreendimento em construção, nossas estratégias de ensino de Teorias da Comunicação, tanto na graduação quanto na pós-graduação, buscam dar um salto para a segunda forma de produção de conhecimento, a apropriação, para que sejamos capazes de ler as nossas realidades e encontrar as brechas de conhecimento ainda não construído. Assim, formaremos pesquisadores aptos a questionar o empírico a partir da teoria e vice-versa e, mais do que refletir sobre Comunicação, torná-la um caminho de transformações, para que, quem sabe, o nosso conhecimento comunicacional consiga se constituir como uma invenção, caminho fundamental para o desenvolvimento e a consolidação da pesquisa na porção Norte do Brasil.

### Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: LEME, Murilo O. R. P. (Org.). **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BRAGA, José Luiz. Análise performativa: cem casos de pesqui-

sa empírica. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. v. 1. São Paulo: Paulus, 2010, p. 403-423.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**. Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011a.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. São Leopoldo, n. 25, p. 62-77, jan./abr. 2011b.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Teorias da comunicação: escolas, conceitos, tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a, p. 39-60.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: Conhecer o quê? In: X Encontro da Compós, 10, 2001, Brasília. Anais do X Encontro da Compós. Brasília: Compós, 2001b.

LOPES, Maria I. V. de. O campo da comunicação sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.30, ago. 2006, p. 16-30. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/487/411>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

LOPES, Suzana Cunha. **A história do curso de Comunicação Social da UFPa no contexto de formação do campo cientí-**

**fico da Comunicação.** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 10, 2011, Boa Vista. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.

LOPES, Suzana Cunha; MALCHER, Maria Ataíde. Meta-pesquisa dos TCCs do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará. In: Seminário Regional Bacia Amazônica da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, 1, 2011, Belém. Anais do Seminário Regional Bacia Amazônica da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. Belém: Alaic, 2011, p. 1-15.

MALCHER, Maria Ataíde; LOPES, Suzana Cunha. Perfil das disciplinas de Teorias da Comunicação no Estado do Pará. In: INTERCOM - XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, 2011, Recife. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife: Intercom, 2011, p. 1-16.

MALCHER, Maria Ataíde; LOPES, Suzana Cunha; MIRANDA, Fernanda Chocron; CARVALHO, Vanessa Brasil de; REALE, Manuella Vieira. Memória da História do Campo Comunicacional no Norte do Brasil. In: Daniel Castro, José Marques de Melo. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012.** 1ed. Brasília: IPEA, 2012, v. 3, p. 169-189.

MALCHER, Maria Ataíde; LOPES, Suzana Cunha. Teoria e prática no ensino de Comunicação na Universidade Federal do Pará. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. (Orgs.). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo: Intercom, 2011b, p. 433-461.

MALCHER, Maria Ataíde; RODRIGUES, Clareana Oliveira; SILVA, Edenice Pereira da; CORDEIRO, Everaldo de Souza MI-

RANDA, Fernanda Chocron; GOMES, Gleidson W. B.; PAULA, L. R. N.; LOPES, Suzana Cunha; BAENA, T. C. A.; CARVALHO, Vanessa Brasil de (Orgs.). **Caderno de resenhas do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia**. 1. ed. Belém: PPGCOM/UFPA, 2011.

MALCHER, Maria Ataíde; RODRIGUES, Cláudia Oliveira; SILVA, Edenice Pereira da; CORDEIRO, Everaldo de Souza MIRANDA, Fernanda Chocron; GOMES, Gleidson W. B.; PAULA, L. R. N.; LOPES, Suzana Cunha; BAENA, T. C. A.; CARVALHO, Vanessa Brasil de (Orgs.). **Caderno de Resenhas do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia**. 2. ed. Belém: PPGCOM/UFPA, 2012.

MARCONDES-FILHO, Ciro. **Até que ponto de fato nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINO, Luiz Claudio. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera (Org.). **Teorias da comunicação: escolas, conceitos, tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 27-38.

MARTINO, Luiz Claudio. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. Comunicação Contemporânea n. 1.

MARTINO, Luiz Claudio (Org.). **Teorias da comunicação:**

muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, Luiz Claudio. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Trilhas da Investigação Epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da COMPÓS. In: XXIII Encontro Anual da Compós, 23, 2014, Belém. Anais do XXIII Encontro Anual da Compós. Belém: Compós, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Publicações Instituto Piaget, 2005.

NAVARRO, Raúl Fuentes. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México. **Revista Matrizes**, n. 1, p. 165-77, out. 2007. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/MATRIZES/article/viewDownloadInterstitial/3995/3751>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

NORONHA, Nelson Matos de. **Sociedade e cultura na Amazônia: notas sobre o trabalho multidisciplinar na Pesquisa e na Pós-Graduação (1998-2006)**. Manaus: EDUA, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, 2006. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=237&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4 ed. Lisboa, Portugal: Editora Presença LDA, 1995.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora UnB, 2004.